

OPINIÃO SOCIALISTA



R\$2

(11) 9.4101-1917

PSTU Nacional

www.pstu.org.br

@pstu

Portal do PSTU

@pstu_oficial

Nº629
De 17 de fevereiro
a 03 de março
Ano 23



PRA ACABAR COM A FOME E O DESEMPREGO TEM QUE DERROTAR BOLSONARO E OS SUPER-RICOS

**Confira as propostas
socialistas para acabar
com o desemprego no
Brasil - Pgs 8 e 9**



INTERNACIONAL

**Ucrânia: Fora as
tropas de Putin
e da OTAN!** Páginas 13 e 14

ELEIÇÕES

**Porque queremos lançar uma
candidatura à presidência da
República** Páginas 4 e 5

POLO SOCIALISTA

**O Brasil do
racismo e da
xenofobia** Página 12



PDF INTERATIVO

CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATERIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE

ESTANDE DE TIRO 2, A MISSÃO



“ Vagabundo morto por vagabundos ”



Sérgio Camargo, presidente da Fundação Cultural Palmares, sobre o bárbaro o assassinato do congolês Moïse Kabamgabé.

Combo Novembro Negro

De R\$ 80,00
por R\$ 56,00

sundermann whatsapp: (11) 98649-5443

SOCIALISTA Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CRIMINOSO

Bolsonaro dá um passo na liberação da garimpagem

Bolsonaro assinou um decreto que estimula atividades de garimpo na Amazônia Legal. O documento institui o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Mineração Artesanal e em Pequena Escala (Pró-Mapa). Em nota, o governo diz que o programa “inaugura uma nova perspectiva de políticas públicas sobre a atividade garimpeira no Brasil”. Mas, na realidade, trata-se de um aceno do presidente aos garimpeiros ilegais. Desde a campanha, ele defende o afrouxamento de regras ambientais relacionadas a esse



Garimpo na Amazônia

tipo de atividade, até mesmo em áreas indígenas e reservas ambientais. E já criticou a apreensão e destruição de máquinas de garimpeiros que foram apreendidas pela Polícia Federal. Relatório do MapBio-

mas publicado no ano passado indica que 93,7% dos garimpos estão concentrados na Amazônia. Metade das áreas mineradas estão dentro de unidades de conservação (40,7%) e em terras indígenas (9,3%).

É ASSIM QUE SE FAZ!

Deputada constituinte propõe Assembleia Plurinacional no Chile

Nesse dia 9, a deputada constituinte do Chile, María Rivera, do MIT (Movimento Internacional dos Trabalhadores), partido da LIT-QI, defendeu a proposta de dissolver os atuais poderes do Estado e substituí-lo por uma Assembleia Plurinacional das e dos Trabalhadores e dos Povos, que concentre todos os poderes e composta por representantes eleitos por área territorial, locais de trabalho e nas Forças Armadas, sem representantes do grande capital, igreja e oficialidade das Forças Armadas. A proposta receberam enormes ataques da direita, de constituintes da Frente Amplia, do Partido Comunista e até de Gabriel Boric, o presidente de “esquerda” que compartilhou um



tunte, dizendo que nossa norma “está fora de todo o arcabouço democrático que foi sustentado para o desenho da nova constituição”. Ora, a Constituição é a Lei mais importante de um país e tem o poder de alterar toda a legislação e as instituições. Além disso a proposta é infinitamente mais democrática que o Estado atual. É a única que realiza integralmente

as reformas necessárias para que o Estado seja o representante da maioria da população.

SAIBA MAIS!



Para saber mais sobre essa discussão acesse o QR-Code ao lado

CONTATO

FALE CONOSCO VIA
WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta



(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Nem precarização, nem enrolação: revogar 100% da reforma trabalhista

A primeira coisa a se fazer para combater a pandemia do desemprego em que vivemos é revogar por completo a reforma trabalhista aprovada em 2017. Ao contrário do que prometia o então ministro Henrique Meirelles, a reforma sancionada por Temer não criou 6 milhões de empregos. Pelo contrário, aprofundou o desemprego e gerou ainda mais precarização e informalidade.

O desmonte dos direitos trabalhistas num contexto de aprofundamento da crise, agravada ainda mais pela pandemia, é responsável pela criação de um verdadeiro exército de desempregados, e a generalização da “uberização” do trabalho, milhões de trabalhadores superexplorados, com salários de fome e submetidos a jornadas desumanas, sem qualquer tipo de direito ou proteção social. São em sua maioria jovens que, se sofrerem um acidente ou ficarem doentes, estão totalmente desamparados.

De forma cínica, os defensores do fim dos direitos afirmam que a reforma só não deu certo por conta da crise. Só não dizem que foram justamente o desemprego e a precarização que jogaram para baixo os salários e a renda média dos trabalhadores. Junto com a inflação, fizeram ressurgir o flagelo da fome e as cenas de barbárie nas grandes cidades, com famílias inteiras buscando alimento no lixo. Ou seja, a reforma trabalhista não só não gerou empregos, como afundou ainda mais a classe trabalhadora e os mais pobres na crise, ainda mais com a reforma da Previdência de Guedes e Bolsonaro.

Por outro lado, as isenções aos grandes empresários e o aumento da exploração, que bota uma fatia maior do salário do trabalhador no bolso dos bilionários, significa ainda mais dinheiro para os de cima. A superexploração, a fome e a miséria financiam os lucros cada vez maiores dos 315 bilionários que se enriqueceram ainda mais na pandemia.

FINGIR QUE É CONTRA A REFORMA NÃO VALE

Diante disso, Lula e a direção do PT, seguidos por Boulos e dirigentes do PSOL, ecoaram por aqui a falsa propaganda do governo espanhol de Pedro Sánchez (PSOE junto com Podemos e Partido Comunista) de que havia revogado a reforma trabalhista naquele país, justamente a reforma que serviu de inspiração para as medidas impostas por Temer. Na verdade, não foi revogada coisa nenhuma, só fizeram uma série de reuniões com empresários e as cúpulas das principais centrais da Espanha, como a CCOO e CGT, para deixar tudo como está. E alardearam como uma grande conquista, sendo que as principais medidas impostas pelo governo do direitista Mariano Rajoy (PP) estão firmes e fortes.

As direções do PT, parte do PSOL que entrou nessa, e as direções das maiores centrais brasileiras sabem muito bem disso. Defendem não a revogação de verdade da reforma trabalhista, mas o “processo” espanhol, ou seja, um disfarce de negociação com empresários para, no máximo, definir medidas cosméticas. Tanto que os presidentes da CUT e da Força Sindical acabaram de visitar o recém-eleito presidente da Fiesp, Josué Gomes da Silva, a fim de estreitar relações



com a patronal. Marcos Nobre, presidente da CUT, disse que o novo presidente da maior associação de empresários do país é uma “esperança”.

Se mais reformas, e mais destruição de direitos, como apontam Bolsonaro, Guedes e também candidatos como Sérgio Moro, não resolvem a questão do emprego, uma saída negociada com os grandes empresários para fingir que está mudando algo, à lá Espanha, como apontam o PT e parte da direção do PSOL, também não. Nessa toada, teremos ainda muitos anos de desemprego em massa pela frente, o aumento da crise social e todas as suas mazelas.

É preciso revogar de verdade a reforma trabalhista, essa é uma das principais medidas hoje para se combater o desem-

prego, a precarização, o aumento da pobreza e da miséria. E isso não se dá junto com a burguesia, mas contra ela, e com luta. Revogar a reforma trabalhista para conter o tsunami do desemprego e, para além disso, gerar novos postos de trabalho reduzindo a jornada de trabalho sem diminuir os salários. Para acabar com as terceirizações e revogar a reforma da Previdência, a qual não só força o trabalhador a se manter ativo por mais anos (e joga o valor da aposentadoria para baixo), como ajuda a ampliar o desemprego, já que pressiona ainda mais o mercado de trabalho.

PROJETO SOCIALISTA PARA COMBATER O DESEMPREGO

Um governo que se propõe a verdadeiramente en-

frentar o desemprego, os baixos salários e a precarização precisa estar disposto a enfrentar os banqueiros e grandes empresários, e revogar a reforma trabalhista. E para fazer isso, precisará contar com a classe trabalhadora e o povo mobilizado, pois vai enfrentar toda a patronal, a mídia, o Congresso Nacional e a Justiça burguesa.

A classe precisa, assim, de organização, mobilização e construir um governo seu para acabar com a desigualdade e a injustiça neste país. Ao invés de mentiras e enrolação, precisa de um projeto seu, de classe e socialista, que sirva para unir e mobilizá-la.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3UUP5T9](https://bit.ly/3UUP5T9)**

ELEIÇÕES

Porque queremos lançar uma candidatura à Presidência da República



EDUARDO ALMEIDA, DA DIREÇÃO NACIONAL DO PSTU

Os revolucionários participam das eleições essencialmente para divulgar o programa socialista. Não acreditamos que será através das eleições que mudaremos o país. Mas essa é uma necessidade presente enquanto os trabalhadores depositarem esperanças na democracia burguesa, como ocorre no Brasil de hoje.

Mas neste momento existem outros motivos a mais para isso, que surgem da realidade concreta mundial e nacional. Vale enumerar aqui quatro razões principais para apresentar uma candidatura socialista à Presidência nessas eleições.

SOCIALISMO OU BARBÁRIE NUNCA FOI TÃO ATUAL

Entre os ativistas de esquerda, é muito famosa a consigna “Socialismo ou barbárie”. Ela exprime a disjuntiva histórica: ou chegamos à revolução socialista ou o capitalismo nos leva para o retrocesso histórico da barbárie.

Isso é entendido, muitas vezes, como uma possibilidade

futura e remota. No entanto, o atraso na revolução socialista está levando ao surgimento de elementos de barbárie já nos dias de hoje. Ou seja, a barbárie já começa a estar presente e tende a se ampliar.

Essa é a realidade vivida pelos trabalhadores, com a perda de conquistas históricas, com salários rebaixados a níveis sub-humanos, com o desemprego crescendo fortemente. Temos 45 milhões de pessoas passando fome neste momento. Temos 92 milhões de desempregados e subempregados. Esses são elementos de barbárie na situação material dos trabalhadores.

A pandemia entrou em seu terceiro ano, e ninguém pode afirmar quando acabará. Podem vir outras cepas, ou outras pandemias. Trata-se de uma expressão da barbárie no meio ambiente, pela agressão do desmatamento das florestas que gerou a pandemia. E barbárie na saúde pública, que entrou em colapso pelas décadas de planos neoliberais.

A agressão ao meio ambiente pelo capitalismo apresenta também sinais de barbárie, com o aquecimento global já chegando a 1,2°C em relação aos níveis pré-

-industriais. Os cientistas prevêem a possibilidade de ultrapassarmos 1,5 °C de aumento médio da temperatura da Terra até 2030, o que já começaria a levar a danos irreversíveis aos sistemas ecológicos. Aqui no Brasil, além das tragédias de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais, provocadas pela Vale, o desmatamento da Amazônia chega muito próximo de um ponto de não retorno, cuja consequência será catastrófica.

Da mesma forma temos elementos de barbárie em relação às opressões, com chacinas da juventude negra nos bairros pobres, como foram as invasões do Jacarezinho e Vila Cruzeiro, no Rio, ou o assassinato cruel de Moïse. Cresce o feminicídio e o assassinato de LBGTs em todo o país.

Esses sinais crescentes de barbárie são produtos do capitalismo. O Brasil está em decadência, como consequência de sua submissão ao imperialismo, com um rebaixamento de sua localização na divisão mundial de trabalho. Cada vez mais deixa seu peso industrial para se deslocar para a produção agropecuária e mineral.

Essa decadência começou antes do governo atual. Bolso-



O Polo Socialista e Revolucionário deve lançar uma candidatura à Presidência da República. O PSTU vai apresentar a candidatura de Vera, operária, negra e socialista.

naro é não só um agente ativo dessa decadência, mas também um resultado dela. Surge como expressão dessa mesma decadência, da crise da democracia burguesa, como o primeiro governo de ultradireita no país.

A decadência e a barbárie são produtos do capitalismo, e vão ter continuidade e vão se agravar com qualquer governo burguês a ser eleito em outubro, seja Bolsonaro ou Lula. Ou se rompe com a dominação capitalista ou a barbárie vai se ampliar.

O programa socialista surge dessa realidade com mais força que antes. É mais fácil

hoje defender a necessidade da revolução socialista do que nas décadas anteriores, em que ainda pesava muito a campanha ideológica “o socialismo acabou”, depois da derrubada das ditaduras stalinistas do Leste europeu.

“Socialismo ou barbárie” nunca foi tão atual. E, por isso, ter uma candidatura nas eleições que apresente com força o programa socialista, de ruptura com o capitalismo, tem enorme importância.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/34FZFSU](https://bit.ly/34FZFSU)**

COMO DERROTAR?

Realmente é preciso derrotar Bolsonaro

“Temos que derrotar Bolsonaro”, esse é o grande argumento pelo qual o PT consegue ganhar a maioria dos trabalhadores e dos ativistas. E para isso vale tudo, inclusive a aliança Lula-Alckmin.

Lula vai ter, provavelmente, o apoio do PSOL, assim como de vários partidos da direita. Pode ganhar a eleição inclusive no primeiro turno. Compreendemos essa posição, defendida por muitos ativistas socialistas honestos. Afinal, Bolsonaro é odiado

justamente pela maioria absoluta dos trabalhadores e da juventude.

Bolsonaro é a ultradireita que veio para ficar, como consequência da crise da democracia burguesa. Tem grupos organizados e armados em todo o país, como não existia há alguns anos. Mas é verdade que o PT quer derrotar Bolsonaro? Sim e não. Sim, porque quer derrotar Bolsonaro nas eleições de outubro, por dentro da institucionalidade burguesa.

Mas isso é só parcialmente

verdade. O PT não quis e não quer derrotar Bolsonaro pela via mais importante, que é a da ação direta das massas. Por isso freou o desenvolvimento das mobilizações pelo “Fora Bolsonaro”. Isso é um erro grave, consequência da completa adesão do PT à institucionalidade burguesa.

Bolsonaro pode questionar o resultado das eleições, como fez Trump nos EUA. E pode, mesmo derrotado eleitoralmente, capitalizar no futuro o inevitável



O PT está preparando um governo mais à direita do que seus anteriores. O desgaste posterior é inevitável e pode ser mais uma vez capitalizado pela ultradireita.

desgaste de um possível governo Lula. Voltamos a dizer que a decadência do país e os elementos

de barbárie não surgiram e não vão acabar com Bolsonaro fora do governo.

Lula vai ter uma forma distinta de governar de Bolsonaro. Isso é evidente, vai ser um governo com uma cara mais amigável. Mas uma cara diferente do mesmo capitalismo. O programa de Lula, em essência, é a manutenção dos planos neoliberais, com alguma cobertura. Por exemplo, Lula defendeu a "contrarreforma" do PSOE (partido socialista) na Espanha em relação à reforma trabalhista do governo de direita anterior. Mas, na verdade, o PSOE manteve a essência da reforma trabalhista, com a precarização do trabalho e o direito da burguesia de demitir os trabalhadores por qualquer necessidade econômica.

Lula vai enfrentar uma situação econômica internacional mais grave que a de 2003, que não vai permitir um crescimento econômico como nos primeiros governos do PT. As multinacionais vão exigir ainda mais ataques aos trabalhadores. E aí vêm os avanços na tecnologia da internet 5G, a indústria 4.0, a inteligência artificial, que vão gerar um desemprego ainda maior.

Ao seguir aplicando os planos neoliberais, Lula vai atacar os trabalhadores e a juventude, abandonando também por se desgastar. A ultradireita pode acabar se fortalecendo novamente ao capitalizar esse desgaste. Isso está acon-

tecendo, por exemplo, nos EUA, com Trump. Se as eleições fossem hoje, Trump ganharia com 46% contra 40% de Joe Biden. Como a direita está se fortalecendo novamente na Argentina perante o governo Alberto Fernandez, como está capitalizando o desgaste de Lopes Obrador, no México, e de Pedro Castillo, no Peru.

Lula vai tentar enfrentar a ultradireita por dentro da institucionalidade. Mas as Forças Armadas e as polícias estão divididas, com um forte setor bolsonarista. Não se pode confiar na justiça burguesa. Não vemos como isso pode ser vitorioso.

Por isso dizemos que só se pode derrotar realmente a ultra-

direita com as ações diretas das massas, com o movimento se preparando ativamente, através de seus organismos para a autodefesa. A democracia burguesa é incapaz de derrotar a ultradireita.

E Lula só quer derrotar Bolsonaro nas eleições, pela democracia burguesa. Pode derrotar em outubro, mas possibilitar um novo fortalecimento de Bolsonaro depois. Isso nos reafirma a necessidade de uma candidatura socialista nas próximas eleições. Não pode ser que a "esquerda" seja Lula nas eleições de outubro, quando ele defende um programa de direita.

É necessário que haja uma candidatura de esquerda com um

programa socialista. Não achamos que vamos ter uma grande votação, na medida em que a ilusão em Lula é muito grande, e vai pesar o "voto útil".

Mas afirmar uma candidatura à Presidência com um programa socialista nessas eleições será muito importante para agora e, mais ainda, para o futuro. Quando a experiência dos trabalhadores e da juventude com um possível governo Lula começar, já terá sido construída uma pequena referência de alternativa socialista. Não pode ser que deixemos que seja a ultradireita ou qualquer outra alternativa burguesa a capitalizar mais uma vez o desgaste dos governos petistas.

CONTRA O REGIME

É preciso uma candidatura socialista com um perfil por fora da institucionalidade

A eleição de Bolsonaro foi uma expressão da crise da democracia burguesa. E o grande responsável por sua vitória foi o PT. Ele foi eleito pelo rechaço dos trabalhadores aos governos do PT.

Bolsonaro também se elegeu pela desconfiança em relação à própria democracia burguesa, embora fosse um parlamentar do "centrão" há décadas. Não por acaso, ele também capitalizou a desconfiança em relação aos "políticos de sempre", à grande mídia, Congresso etc..

A crise da democracia burguesa atual tem origem na grande e espontânea mobilização popular

de 2013, que se chocou contra todos os governos, inclusive contra o governo Dilma. A juventude pauperizada nas mobilizações exigia saúde, educação e transporte "padrão Fifa". Mas o PT deu as costas para o povo nas ruas.

Começou aí uma ruptura massiva da base com o PT, que foi se aprofundando. E começou também a crise da democracia burguesa.

Foi por esse desgaste do PT, por ter implementado os planos neoliberais, que a burguesia, depois de usar o PT por 14 anos, pôde fazer uma manobra parlamentar, com o impeachment de Dilma e a posse de Temer. O PT estava tão desgastado que não

conseguiu fazer nenhum ato de massa em defesa de Dilma, nem mesmo no ABC.

O PSTU, corretamente, foi contra a manobra parlamentar que levou a posse de Temer. Defendímos o "Fora Todos", incluindo Dilma, Temer e o Congresso. O PT inventou a narrativa do "golpe contra Dilma" para se justificar, como se tivesse havido um golpe que mudou o regime no país. Com essa narrativa convenceu uma geração de ativistas. Mas agora se alia aos "golpistas", desmoralizando a própria narrativa.

Até hoje, o PT demoniza as mobilizações de 2013, como se as

massas nas ruas, e não o próprio PT, fossem as responsáveis pelo surgimento de Bolsonaro. Na verdade Bolsonaro capitalizou o desgaste do PT, assim como a crise da democracia burguesa.

Agora, o PT quer repetir o mesmo enredo. A aliança em 2022 não é com Temer. É ainda mais à direita, com Alckmin, um quadro tradicional da burguesia, fundador do PSDB. Um futuro governo Lula, ao contrário das expectativas dos ativistas, vai terminar em uma nova grande frustração.

Não dizemos que vai ocorrer um "novo 2013". Mas a combinação dos novos elementos da rea-

lidade concreta está em aberto. Não sabemos em quanto tempo ocorrerá o desgaste de um futuro governo petista, nem suas consequências concretas em relação ao movimento de massas.

Mas afirmamos que vai ocorrer outro desgaste do governo petista, assim como também da democracia burguesa. E por isso é necessário apresentar agora uma candidatura socialista categoricamente diferente do PT, do PSOL e dos outros partidos do regime. Não como um programa marcado por reformas limitadas, mas de ruptura com o capitalismo, em defesa da revolução socialista.

CAMINHO SEM VOLTA

O provável apoio do PSOL a Lula e Alckmin



O PSOL, provavelmente, vai apoiar Lula. Mas pode depois dar um passo a mais e entrar no seu futuro governo.

O PSOL, que antes aparecia aos ativistas como um partido à esquerda do PT, anunciará em abril sua posição definitiva. O mais provável é que termine por apoiar Lula. Pode depois dar um

passo a mais e entrar no governo Lula.

Isso é algo novo na história desse partido reformista. Pode estar seguindo assim o caminho do Podemos, que apoiou o

governo do PSOE na Espanha e entrou em uma crise importante. Ou do Bloco de Esquerda em Portugal, que apoia o governo do Partido Socialista e vive uma grande crise, após sua derrota nas últimas eleições.

O lançamento de uma candidatura socialista revolucionária nessas eleições pode ajudar a ocupar uma parte desse espaço à esquerda do PT por uma alternativa não reformista, mas socialista e revolucionária. O Polo Socialista e Revolucionário deve lançar uma candidatura à Presidência.

O Polo, formado em 2021, conta neste momento com os militantes do PSTU, um setor do PSOL, com Plínio de Arruda Sampaio à frente, a Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST), do PSOL, o Movimento Revolucionários dos Trabalhadores (MRT), além de grupos e importantes coletivos de ativistas.

Neste momento o Polo está discutindo o que fazer nas eleições de 2022. Na nossa opinião, deve apresentar candidaturas à Presidência da República, assim como aos governos estaduais e ao Parlamento.

Parece-nos fundamental que essas candidaturas defendam um programa socialista e revolucionário, de independência de classe. Uma candidatura em alternativa à colaboração de classes, ao programa burguês da aliança Lula-Alckmin. Para esse objetivo, o PSTU propõe a companheira Vera, operária, negra e socialista.

O PT está preparando um governo mais à direita do que seus anteriores. O desgaste posterior é inevitável e pode ser mais uma vez capitalizado pela ultradireita.

CASO MONARK

Fatos e mitos sobre o nazismo

JEFERSON CHOMA
DA REDAÇÃO

Na semana passada, uma polêmica se abriu quanto o apresentador Bruno Aiub, conhecido como Monark, defendeu, durante o Flow Podcast, a existência de um partido nazista no Brasil. “A esquerda radical tem muito mais espaço do que a direita radical, na minha opinião. As duas tinham que ter espaço (...) Eu acho que o nazista tinha que ter o partido nazista, reconhecido pela lei”, afirmou.

A declaração foi realizada quando Bruno entrevistava os deputados federais Kim Kataguiri (DEM-SP) e Tabata Amaral (PSB-SP). Kataguiri concordou com o apresentador e afirmou que o nazismo não deveria ser

considerado crime no Brasil, dizendo que a Alemanha errou ao criminalizar o nazismo após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Felizmente houve uma avalanche de repúdio vinda tanto da comunidade judaica quanto de personalidades e autoridades, chegando até aos patrocinadores do Flow, empresa a qual Bruno era sócio-fundador. Várias empresas anunciaram que deixariam de patrocinar o Flow Podcast, e Bruno foi afastado.

As declarações de Bruno se somam a uma explosão de apologia ao nazismo no Brasil, desde que Bolsonaro assumiu o governo. Segundo uma pesquisa realizada pela antropóloga Adriana Dias, existem atualmente pelo menos 530 núcleos neonazistas, um universo que pode chegar a 10 mil pessoas. Isso representa



um crescimento de 270,6% de janeiro de 2019 a maio de 2021. A existência de um governo de ultradireita deixou essa corja à vontade para sair dos esgotos em que habita.

Não foi a primeira vez que Monark fez declarações deplo-

ráveis. No final de outubro, ele publicou uma série de tuítes em que fazia uma defesa do direito das pessoas terem opiniões racistas, em nome da “liberdade de expressão”.

Contudo, o episódio também levantou outras importan-

tes discussões, como a criminalização do nazismo e a tosca comparação entre o nazismo e o comunismo, como fez Kataguiri e seu MBL, considerando ambos polos extremistas autoritários. Afinal, o nazismo e o comunismo são comparáveis?

COMPLETAMENTE DIFERENTES

Nazismo e comunismo não são iguais



Tropas das SA (Sturmabteilung) era a milícia dos nazistas incumbida de bater comunistas, dispersar greves e reprimir judeus.

A direita é obcecada em traçar um sinal de igual entre socialismo e nazifascismo. Bolsonaro e seus asseclas já tentaram fazer isso no passado, falando que o nazismo seria “um movimento de esquerda”. Aproveitando-se do caso Monark, Bolsonaro defendeu também a criminalização do comunismo. “Organizações que promovem ideologias que pregam o antisemitismo, como o comunismo, sejam alcançadas e combatidas pelas leis”, escreveu no Twitter. A comparação é absurda e tem como objetivo criar uma confusão deliberada.

A ÚLTIMA CARTADA DA BURGUESIA

O nazismo alemão e o fascismo italiano foram duas respostas ultradireitistas às condições sociais criadas pela crise econômica mundial iniciada em 1929, que abalou a estabilidade do capitalismo. Foram movimentos políticos impulsados e a serviço dos setores mais concentrados do capital financeiro e monopólio, portanto imperialistas, que recrutaram a pequena-burguesia desesperada e pauperizada pela crise, militares humilhados pela guerra e elementos lúmpens para

atacar e derrotar o movimento operário e de massas com métodos de guerra civil.

Uma vez no poder, o nazifascismo impõe um regime político autoritário e ditatorial. Não qualquer tipo de ditadura, mas um tipo especial, cuja missão é a liquidação total das organizações da classe operária, dos movimentos sociais e da sociedade civil. É a supressão autoritária de organizações como todos os partidos, inclusive dos mais moderados, e da oposição liberal.

O nazismo também defendia ideias racistas de supremacia ariana, defendendo a conquista e a eliminação de outros povos e culturas como judeus, ciganos, eslavos e a eliminação dos LGBTs e das pessoas com deficiência.

Como lembra Trotsky, em um contexto de polarização social, o

nazifascismo foi a última cartada da burguesia contra os movimentos operário e sociais populares que ameaçavam se insurgir contra a ordem capitalista. Por isso, a burguesia não hesitou em detonar a democracia parlamentar para substituí-la pelo nazifascismo e seus métodos de guerra civil contra o proletariado.

Ainda segundo Trotsky, é pela repressão brutal à classe operária que o fascismo pretende reduzi-la “a um estado de apatia completa e criar uma rede de instituições penetrando profundamente as massas para evitar toda cristalização independente do proletariado. É precisamente nisso que reside a essência do regime fascista”. Para isso, apoia-se em milícias armadas que atacam as organizações operárias, partidos e sindicatos.

UM SISTEMA CONTROLADO PELOS TRABALHADORES

Já o socialismo é um sistema que pressupõe o fim da propriedade privada dos grandes meios de produção. O proletariado, aliado aos setores oprimidos da sociedade, se torna a classe dominante graças à expropriação da burguesia, controla a produção e o consumo de acordo com as necessidades da população e a capacidade da economia. É o que chamamos planificação econômica.

O socialismo exige também uma forma política, um tipo de Estado. No capitalismo, o Estado tem um caráter de classe. É um aparato jurídico-militar que busca defender a propriedade privada e o domínio do capital. É, portanto, uma ditadura da burguesia sobre o proletariado.

No socialismo, o Estado também tem um caráter de classe, mas seu conteúdo é oposto ao do Estado burguês: torna-se, pela primeira vez na história, um Estado da ampla maioria explorada contra a ínfima minoria exploradora ou privilegiada. É o que chamamos de ditadura do proletariado.

A ditadura do proletariado tem como função preservar a propriedade social dos meios de

produção, evitar a volta do capitalismo e combater grupos privilegiados que ainda existam depois da expropriação da burguesia. E o mais importante: é o instrumento de defesa da nação proletária contra o que sobrar do imperialismo e da burguesia mundial.

O socialismo exige uma participação ativa e permanente dos trabalhadores na vida econômica, política e cultural do país. Por isso, a ditadura do proletariado é um regime muito mais democrático do que a democracia burguesa. O fim da exploração do trabalho permitirá a politização e a participação das grandes massas na tomada de decisões dos rumos políticos do país através de uma rede de conselhos operários, cujos membros são escolhidos nos locais de trabalho e moradia, com mandatos revogáveis. Esses conselhos substituirão o congresso burguês e unificarão os três poderes que hoje estão separados, ou seja, são órgãos ao mesmo tempo executivos, legislativos e de justiça, controlados pela população. São esses conselhos operários, organizados sob o princípio do pluripartidarismo e abertos a todos os trabalhadores, a base fundamental do Estado socialista.

DIFERENÇAS

Sobre nazismo e stalinismo

Kataguiri e Monark sugerem que o comunismo é inerentemente genocida e totalitário, assim como foi o nazifascismo. Para isso recorrem a exemplos com o regime político existente na União Soviética (URSS) e, mais recentemente, nos regimes da Venezuela, Cuba e Coreia do Norte, classificados como “socialistas”.

O problema é que o socialismo – isto é, o controle do poder político, da produção e da riqueza pela classe trabalhadora – não existe na Venezuela, em Cuba ou na Coreia do Norte. Todos são países capitalistas, e seus governantes são burgueses privilegiados que vivem no luxo enquanto impõem uma ditadura sobre o povo.

A URSS, por sua vez, não foi uma nação capitalista. Houve uma revolução em 1917 que expropriou os capitalistas e deu poder aos trabalhadores organizados em Conselhos Populares,

lares, os chamados Soviетes. No entanto, o isolamento da jovem república soviética fortaleceu uma casta burocrática que impôs uma contrarrevolução e uma ditadura ao país. O grande chefe dessa ditadura burocrática que vigorou na URSS foi Joseph Stalin. O stalinismo se apropriou do aparato do Estado soviético e assassinou centenas de milhares de comunistas, inclusive os líderes da Revolução de Outubro, impediu as liberdades democráticas e conduziu, como já havia previsto Trotsky 50 anos antes, a restauração do capitalismo.

A história do stalinismo é extremamente complexa, por isso recomendamos a série apresentada por Bernardo Cerdeira: Stalinismo revolução e contrarrevolução (link abaixo).

Em várias oportunidades, Trotsky traçou uma similaridade entre o nazismo e o stalinismo. Mas sempre ressaltou



Sob o comando de Stalin, milhares de comunistas foram assassinados na URSS.

as diferenças do ponto de vista de classes sociais que sustentavam tais regimes.

O nazismo se apoiava nos grandes monopólios capitalistas e imprimia uma política de expansão colonial imperialista. O stalinismo foi a manifestação política de uma casta burocrática parasitária que derrotou a

classe operária, apropriou-se das conquistas sociais da revolução, liquidou comunistas e impôs uma ditadura para manter seus privilégios.

Em outras palavras, os Estados fascistas e stalinistas tinham regimes similares, mas origens diferentes do ponto de vista de classe. Suas seme-

lhanças residiam no fato de que ambos regimes tinham à frente uma burocracia que se elevava por cima da sociedade e tinha um poder ditatorial sobre o povo. Em muitas polêmicas contra setores que não compreendiam a natureza do Estado soviético, Trotsky dizia que a URSS, despojada de seu caráter de classe, isto é, de seu caráter de Estado operário, não passava de um Estado fascista.

Estabelecer uma igualdade mecânica entre o nazismo e o stalinismo é ignorar todo o processo histórico que deu origem ao nazifascismo e à União Soviética, assim como a base social que sustentava cada um desses regimes. Mas negar as atrocidades do regime stalinista e reivindicá-lo como “socialista” é também colaborar com a extrema direita torpe em sua campanha para macular o socialismo.

TROTSKY

“Com o nazifascismo não se discute, se combate”

Kataguiri declarou no programa que “por mais absurdo, idiota, antidemocrático, bizarro, tosco que o sujeito defenda”, o nazismo não deveria ser crime, pois “a melhor maneira de você reprimir uma ideia é você dando luz àquela ideia, para que ela seja rechaçada socialmente”. A história demonstra, porém, que “idiotas, antidemocráticos, bizarros e toscos” podem sim chegar ao poder, e na maioria das vezes, com a colaboração de “liberais” como Kataguiri.

Essa posição ganhou um aliado improvável, na sequência da polêmica com Monark: o Partido da Causa Operária (PCO). Em um tuíte, a organização de Rui Costa Pimenta diz que “Monark é mais uma vítima da perse-

guição autoritária contra os direitos democráticos” e que ele “fez uso de seu direito à livre expressão”.

Todas essas opiniões partem de uma defesa idealista e abstrata de uma suposta “liberdade de expressão”, mesmo que a defesa dessa tal liberdade irrestrita signifique defender que algum agrupamento político possa matar e violentar pessoas. E o programa do nazismo é justamente este: holocausto, assassinato em massa de comunistas, fechamento dos sindicatos, famílias partidos políticos, censura e liquidação de qualquer direito democrático e de qualquer liberdade de expressão.

A defesa de um princípio abstrato – “liberdade de expressão” – para a legalização de um partido nazista é tão irracional como

um condenado oferecer munição ao seu pelotão de fuzilamento. Mais concretamente, criminalizar o nazismo no Brasil significa oferecer um impulso para que esses grupelhos neonazistas que cresceram quase 300% nesses últimos quatro anos possam divulgar seu programa, organizar “legalmente” suas milícias contra os movimentos sociais ao estilo e – quem sabe – tomar o poder, liquidando com a liberdade de expressão do PCO, do MBL... e, principalmente, esmagar com sangue qualquer organização dos trabalhadores e dos movimentos sociais, perseguinto e assassinando seus ativistas.

Mas a criminalização do nazismo está longe de ser suficiente para impedir a criação de alguma organização neonazista. O combate a esse



Secretário da Cultura, Roberto Alvim fez cosplay de Joseph Goebbels, ministro da Propaganda da Alemanha nazista.

tipo de movimento se dá por uma frente única com todos aqueles que queiram combatê-lo (“com o diabo e com sua avó”, como diria Leon Trotsky) e, principalmente, com a formação de grupos de autodefesa da classe tra-

balhadora para se defender fisicamente dos nazifascistas. Como lembrava Trotsky, “com o nazifascismo não se discute, se combate”.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3GQEbj](https://bit.ly/3GQEbj)

CENTRAIS

BRASIL

A barbárie do dia a dia: crise social, desemprego e fome



DA REDAÇÃO

No dia 24 de janeiro, o jovem congolês Moïse Kabagambe foi brutalmente espancado até a morte ao cobrar os dias não pagos trabalhados num quiosque no Rio de Janeiro. No dia 14 de fevereiro, enquanto fechávamos esta edição, o também jovem Yago Santos foi assassinado com um tiro disparado por um policial militar em Niterói, enquanto vendia balas na rua.

O que esses dois casos mostram, além do racismo e do ex-

termínio da juventude negra? Em ambos os episódios, temos dois jovens negros trabalhadores submetidos ao subemprego e ao trabalho precário para sobreviver. É o outro lado da violência a que é submetida a classe trabalhadora, e que no caso da juventude negra ganha contornos de tragédia.

Violência que não se limita aos setores mais pauperizados, mas que atinge as famílias trabalhadoras e grande parte da própria classe média, submetidas cada vez mais ao desemprego e, por consequência, à pressão cres-

cente do trabalho precário e do subemprego.

DESEMPREGO ESTRUTURAL

Se o desemprego acompanha o Brasil desde a formação e a nacionalização do mercado de trabalho, com o neoliberalismo, a crise capitalista e, mais recentemente, a pandemia, aprofunda-se cada vez mais. Qual o tamanho do desemprego no país? Segundo o levantamento mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país contava com 12,4 milhões de desempregados no trimestre fechado em novembro passado.

Como o Opinião Socialista sempre ressalta, os critérios oficiais utilizados para se contabilizar a desocupação escondem grande parte das pessoas sem trabalho, já que se considera apenas a pessoa, em idade para trabalhar, que estava buscando emprego no momento da entrevista. Com isso, escapam os desalentados (que desistiram de procurar trabalho), ou trabalhadores na informalidade como Moïse e Yago. O Instituto Latino-Americano de Estudos Sociais e Eco-



nômicos (Ilaese), com o Anuário Estatístico lançado em 2021, fez um grande esforço para trazer à luz números mais realistas e, a partir de uma série de levantamentos, como do próprio IBGE e do Ministério da Economia, chegou ao espantoso número de 58,8 milhões de pessoas que, em 2020, não contavam com nenhum trabalho no país, seja formal ou não.

Para se ter uma ideia, é bem mais que os 44,1 milhões de trabalhadores assalariados. Ou seja, o Brasil é um país de desempregados e, ao contrário dos que afirmam que a carteira assinada e

a CLT prejudicam a criação de empregos formais, provoca o desmonte dos direitos entre uma minoria de assalariados. Prova disso é que, ainda segundo o anuário, 10% dos trabalhadores formais contavam com contratos temporários, sendo que no ano anterior esse número chegava a 0,6%.

Se é verdade que o país nunca teve uma maioria consolidada de trabalhadores com carteira assinada, é também verdade que a regressão e a entrega do Brasil nas últimas décadas aceleraram o processo de destruição dos empregos, dos direitos trabalhistas e dos salários.

DESEMPREGO



Empregados, subempregados e sem empregos - 2020 (em mil pessoas)

SEM PERSPECTIVA

Crise e desemprego vão continuar por muito tempo

Se os critérios oficiais não refletem de fato o grau de desemprego do país, ao menos podemos utilizá-los para verificar tendências. E, sob qualquer perspectiva, o horizonte é o de alto desemprego a longo prazo. Embora analistas prevejam uma relativa recuperação no mercado

de trabalho diante da pandemia, é consenso que não se revertará aos patamares pré-pandemia. Pelo contrário, vai aumentar, já que a criação de novos empregos não conseguirá absorver os trabalhadores que estão chegando.

Segundo a Absolute Investimentos, teremos em 2022 a gera-

ção de 400 mil vagas. Mas também cerca de 1 milhão de novos desempregados. "Vamos conviver com taxa de desemprego elevada por alguns anos", afirmou o economista da agência, Tiago Tristão ao jornal O Globo. Segundo projeções da Organização Internacional do Trabalho (OIT), divulgadas em

janeiro último, o desemprego no Brasil, cuja taxa é o dobro da mundial, não retorna aos níveis pré-pandemia (quando já vinha acelerando) antes de, pelo menos, 2024. Com isso, o país completará uma década de desemprego em alta.

Reflexo disso, com a inflação, é o forte baque na renda, que des-

pencou 11% no último ano. Segundo o Ilaese, os trabalhadores do setor privado tiveram uma redução de 8,59% na renda de 2014 a 2020. Os trabalhadores públicos tiveram perdas de 9,54% no período, enquanto os trabalhadores por conta própria reduziram em 13,9% seu poder de compra.

DEFASAGEM

Queda na renda (2014 a 2020)

Trabalhadores do setor privado	8,59%
Funcionários públicos	9,54%
Trabalhadores por conta própria	13,9%

DEFASAGEM

Salário mínimo de fome

Salário mínimo atual:	R\$ 1.212,00
Salário mínimo do Dieese (quanto deveria ser para cumprir a Constituição):	R\$ 5.997,00



PRATO VAZIO

O drama da fome no país da desigualdade

O desemprego em massa, o fim dos direitos, a queda na renda e a inflação galopante, sobre tudo dos produtos básicos como os alimentos, devolveu o Brasil ao Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, na sigla em inglês). É o primeiro caso da história em que um país deixa o mapa e retorna, e mostra o grau de retrocesso social vivido nos últimos anos.

O levantamento mais abrangente sobre a fome do país se refere a 2020 e foi divulgado pela Rede Penssan, o “Inquérito na-

cional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil”, mostrando que a fome severa atinge 9% da população, ou 19,1 milhões. Sobrevivem com algum tipo de restrição alimentar 55,2% da população, ou 112 milhões. Segundo o instituto, o Brasil retrocedeu 15 anos em cinco, voltando à situação da fome de 2004. Isso num momento em que o agro tem sucessivos recordes de produção e exportação.

A vice-coordenadora da Rede Penssan, Sandra Chaves, vai além e aponta que o grau de fome

no país é inédita. “Em 1974, foi feito o primeiro estudo nacional de despesa familiar. Lá, foi demonstrada uma situação de fome desse nível que estamos vendo agora. Famílias faziam sopa de papelão pelo país. Nós estamos vendo isso agora. Nunca passamos por uma situação tão séria”, afirmou à rede CNN-Brasil.

A pesquisa foi realizada em dezembro de 2020, quando ainda era vigente o auxílio emergencial ainda que à metade dos R\$ 600,00. Com a recente extinção do auxílio para mais de 20 milhões, a situação só deve piorar.

DE VOLTA AO MAPA DA FOME

	Insegurança alimentar grave: (Não é consumido nenhum alimento por um dia ou mais)	9%
	Insegurança moderada: (Quantidade e frequência reduzidas de alimentação)	11,5%
	Insegurança leve: (Incerteza em relação à capacidade de se manter o padrão alimentar)	34,7%
	Segurança alimentar: (Alimentação normal)	44,8%

Fonte: Rede Penssan (dez/2020)

PANDEMIA



Brasil com 77 novos bilionários

A crise capitalista e a pandemia exacerbaram a abissal desigualdade social no Brasil e no mundo. Segundo relatório da Oxfam, “A desigualdade mata”, lançado no início de 2022, um novo bilionário surgiu a cada 26 horas durante a pandemia, enquanto a desigualdade foi determinante para a morte de uma pessoa a cada quatro segundos. Os dez homens mais ricos do mundo simplesmente dobraram suas fortunas no mesmo momento em que a renda de 99% da humanidade caiu. Situação inédita no mundo.

Já no Brasil, segundo o anuário do Ilaese, surgiram 77 novos bilionários na pandemia, compondo o seleto grupo de 315 super-ricos que, juntos, detêm um patrimônio de R\$ 1,9 trilhão. O escandaloso aumento da desigualdade é a outra ponta desse mesmo processo de regressão e entrega do país, que gera desemprego, fome e que produz cenas diárias de barbárie.

PROGRAMA

Atacar as fortunas e propriedades dos super-ricos em defesa dos empregos, renda e direitos

O projeto da burguesia, submetido ao imperialismo, é de continuidade das reformas, destruição dos serviços públicos, privatizações e mais espoliação e exploração sobre a classe trabalhadora e o povo. As várias alternativas eleitorais refletem, sob diversas formas, esse mesmo projeto. Com a agravante de que, hoje, em meio a uma crise mundial do capitalismo, não há possibilidade de um novo ciclo de crescimento como nos anos 2000, que possa amparar uma saída burguesa que resguarde migalhas, mesmo que mínimas, aos mais pobres. Ou se tomam medidas contra os capitalistas, ou sequer vamos voltar à situação pré-crise.

Para acabar com o desemprego, é preciso reduzir a jornada de trabalho, sem reduzir os

salários, distribuindo o serviço a quem precisa de trabalho. É preciso ainda aumentar os salários, revogar a reforma trabalhista por inteiro, assim como a reforma da Previdência. Acabar com as isenções às grandes empresas e multinacionais. A fome, por sua vez, exige uma medida emergencial: a volta imediata do auxílio de R\$ 600,00 para todos que recebiam antes dos cortes, rumo a um salário mínimo.

É necessário ainda expropriar os grandes monopólios multinacionais do agronegócio e as maiores redes de supermercados, colocando a produção e a distribuição de alimentos a serviço da população.

Um plano de obras públicas, por sua vez, pode absorver parte da mão de obra desempregada

e, ao mesmo tempo, avançar em problemas históricos como o déficit habitacional e o saneamento básico. Os serviços públicos, aliás, precisam ser defendidos, com a revogação dos cortes bilionários e investimentos pesados em saúde, educação, assistência social etc..

Para viabilizar esse plano, é preciso parar de pagar a dívida aos banqueiros, proibir as remessas de lucros (de 2010 a 2020 saíram mais de R\$ 1,5 trilhão em lucros para fora, o que dá uma média superior a R\$ 100 bi por ano, mais do que é gasto anualmente com o Auxílio Brasil a 18 milhões de famílias) e taxar fortemente as grandes empresas e os super-ricos. Levantamento do Ilaese mostra que uma simples taxação progressiva dos bilionários, de 1 a 10%, poderia



arrecadar R\$ 140 bilhões.

Os trabalhadores desempregados deveriam ter isenção das contas de luz, água, no bilhete de transporte público etc.. E o pequeno negócio, receber apoio e subsídio.

É preciso ainda reverter as privatizações, reestatizar as empresas como a Vale e a Eletrobras, e retomar as ações da Petrobras vendidas no mercado interna-

cional, garantindo uma empresa 100% pública que funcione a serviço da população, com combustível e gás a preço de custo.

É necessário, enfim, fazer com que a economia funcione não para os lucros de 0,1% de bilionários, mas para a necessidade da maioria da população.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/34ZFBFO](https://bit.ly/34ZFBFO)**

SOCIALISMO X CAPITALISMO

Liberalismo: as leis “eternas” do mercado



GUSTAVO MACHADO,
DE BELO HORIZONTE (MG)

Na sociedade capitalista, o dinheiro está em todos os lugares. Todas as relações sociais ocorrem por meio do dinheiro. Por um lado, o salário – pago em dinheiro – destina ao trabalhador uma parte da riqueza que ele produziu. Por outro, permite a ele trocar por mercadorias produzidas por outros trabalhadores e vendidas no mercado, sejam em supermercados, farmácias ou na internet. Com o capitalista acontece a mesma coisa. É somente por meio do

dinheiro que ele pode acumular capital. É somente por meio do dinheiro que pode investir o capital acumulado, bem como realizar trocas com outros capitalistas.

Por isso, no capitalismo, o dinheiro é o único nexo social que existe. Podemos ter relações privadas com amigos e familiares sem dinheiro, mas as relações sociais somente acontecem por meio dele. O dinheiro é uma espécie de fantasma que tudo permeia, tudo valora, tudo encarna. É o dinheiro que confere, no capitalismo, sentido às pessoas, às coisas e tudo o mais. Separada do dinhei-

ro, cada coisa e cada indivíduo aparecem como letras soltas, incapazes de formar palavras e frases, de se comunicar umas com as outras.

Se pensarmos bem, contudo, o dinheiro é algo muito estranho. Que substância misteriosa é essa que parece conferir valor e significado a tudo o que existe? Não comemos dinheiro, não somos transportados ou moramos nele. Mas apenas comemos, viajamos e moramos por meio dele. Será em aspectos isolados do dinheiro que diversos ideólogos burgueses irão se agarrar para justificar o capitalismo e propor a solução



Jean Baptiste Say, pensador liberal que criou a lei do equilíbrio dos mercados.

adequada para sua administração. Nesse artigo veremos como os liberais explicam o

dinheiro e o mercado, bem como as consequências dessa explicação.

TEORIA BURGUESA

O mercado é o Deus do liberalismo



Se olharmos bem, veremos que o dinheiro é, em certo sentido, algo externo a toda a riqueza que expressa. Tomemos uma sequência de trocas: sapatos – dinheiro – café. Nesse exemplo, alguém vendeu sapatos por dinheiro. Depois utilizou esse mesmo dinheiro para comprar café. Ao que parece, o dinheiro está apenas mediando a relação. Trata-se, na verdade, de sapatos por café. O dinheiro parece ser um mero mediador e facilitador das trocas. Uma convenção externa, ou para usar a

linguagem dos economistas, o dinheiro seria exógeno: uma coisa colocada de fora como dinheiro para medir quantitativamente a riqueza. É a chamada teoria quantitativa da moeda ou do dinheiro. O preço das coisas nada mais seria que a relação entre a quantidade de mercadorias e dinheiro que circulam. Caso se mantenha a mesma quantidade de mercadorias circulando, aumentando a quantidade de dinheiro, o preço das mercadorias se elevará: temos inflação.

Parece uma teoria imparcial. Não se fala em privilegiar esta ou aquela classe social. Nem sequer se fala em classe social. Pior ainda. O argumento parece fazer sentido. Vejamos, então, quais são as consequências dessa teoria. Vejamos como o capitalismo nos permite fazer uma teoria burguesa, sem que precisemos falar diretamente em interesses burgueses.

Se o dinheiro é uma mera convenção feita para facilitar as trocas, o que temos, no final das contas, são trocas de mercadorias por mercadorias. A troca: sapatos – dinheiro – café pode ser reduzida à troca de sapatos – café. Como se trocam mercadorias de igual valor umas pelas outras, em princípio, jamais teremos superprodução e excesso de mercadorias sem comprador no mercado. Não teremos crises no capitalismo.

Consideremos o exemplo de uma fábrica de sapatos que em um mês vendeu sapatos por 100 milhões de reais. Suponhamos que desses 100 milhões, 60 foram usados para pagar as matérias-primas, máquinas e equi-

pamentos: os meios de produção. Outros 20 milhões foram usados para pagar os trabalhadores e outros 20 correspondem ao lucro do capitalista. Ao fim do processo, essa produção de 100 milhões de reais gerará um consumo também de 100 milhões: 60 milhões foram consumidos em matéria-prima e equipamentos na produção, 20 milhões serão utilizados pelos trabalhadores no consumo de meios de subsistência. E, por fim, outros 20 milhões serão utilizados pelo capitalista no seu consumo pessoal ou na ampliação de seus investimentos, consumindo assim novos meios de produção.

Parece ser uma equação perfeita e equilibrada. A produção produz a renda necessária para consumir tudo o que foi produzido. Ela ganhou até o nome de uma lei: a lei de Say ou a lei do equilíbrio dos mercados. Uma referência ao economista francês que a formulou: Jean Baptiste Say. Se o capitalista elevar seu investimento na fábrica de sapatos para 150 milhões, teremos um consumo também de 150 milhões. Afinal, crescerão os

gastos com meios de produção, força de trabalho, bem como o lucro do capitalista que será reinvestido.

O capitalista não conseguirá vender apenas se seu produto não interessar mais ao consumidor. Deverá então investir seu capital em outro lugar. O mercado transformará cada desequilíbrio no equilíbrio perfeito, forçando os capitalistas a produzirem o que todos querem consumir. Para adequar os interesses dos consumidores à produção controlada pelos capitalistas, basta deixar tudo exposto ao livre jogo da oferta e da procura.

A economia capitalista torna-se, assim, uma ordem natural e harmônica. A elevação da produção cria o mercado necessário para consumi-la. A superprodução é impossível. O mercado funciona por si mesmo. Daí o famoso jargão liberal: laissez faire, laissez aller, laissez passer (deixai fazer, deixai ir, deixai passar, o mundo vai por si mesmo). Em outras palavras, deixe o mercado tudo regular, como um Deus. Não há o que temer. Segura na mão de Deus e vai.

CADÊ A EXPLORAÇÃO?

A origem das crises para os liberais



As crises seriam, então, artificialmente produzidas quando as leis naturais do mercado são violadas. O problema aparece apenas quando surge um agente externo, como o Estado, emitindo dinheiro extra para além do total de mercadorias que circulam ou criando consumo por fora do mercado. Quando o Estado faz investimentos públicos de um tipo qualquer, essa equação ficará desequilibrada. O Estado investe e gasta por fora do livre jogo do mercado, bagunçando o equilíbrio entre produção e consumo, entre oferta e demanda.

Observem, no entanto, que a lei de Say e a teoria quantitativa da moeda parecem fazer todo sentido. Mais ainda. Não está baseada diretamente na defesa de uma classe social. Sociedades baseadas na exploração de uma classe sobre a outra existem há milênios. Nestas sociedades, a apropriação desigual da riqueza era diretamente justificada. Seja com o argumento de que os servos e os escravos pertenciam a linhagem e povos inferiores ou mesmo com o argumento direto da força: tal comunidade

foi legitimamente escravizada porque perdeu a guerra. Só o capitalismo funciona de uma forma que essa exploração pode ser justificada sem qualquer referência direta à exploração propriamente dita, com recurso a leis – supostamente – impossibly, naturais e imparciais. Ideologias que partem de alguns aspectos verdadeiros da realidade e que possuem, ainda, coerência interna. Elas falham, no entanto, por aquilo que deixam fora de seus sistemas. Pelo que não dizem. Vejamos.

PROBLEMAS

As contradições da teoria liberal

A primeira contradição gritante nas teorias burguesas liberais que mencionamos é a seguinte: todo o movimento do capital é orientado para a acumulação de capital na forma de dinheiro. Apesar disso, na teoria quantitativa do dinheiro e na lei de Say, o dinheiro aparece apenas como um mediador da relação: um facilitador das trocas. Algo que pode ser retirado fora da equação na análise da sociedade. Tais teorias se baseiam em um aspecto correto: o dinheiro é imposto socialmente como valor das mercadorias como algo vindo de fora, externo à mercadoria. Dizemos: um par de sapatos vale 100 reais. Ora, 100 reais é algo completamente diferente e externo ao sapato. No entanto, tais teorias ignoram que o dinheiro não é apenas um mediador. Ele é também a finalidade do capitalismo. É em função de acumular capital na forma de dinheiro que sapatos, café, iphones são produzidos.

Quando o capitalista não vê possibilidades de lucros imediatos, o dinheiro pode ser entesourado, pou-

pado, retido. O tempo dos investimentos do capitalista variará bruscamente, mas o tempo do consumo de alimentos, roupas, moradia e transporte não pode esperar. No exemplo da empresa de sapatos que vimos, o lucro de 20 milhões acumulado pelo patrão pode não ser imediatamente investido e, assim, teremos uma situação em que os 20 milhões de reais dos 100 milhões produzidos em sapatos não gerarão, no momento seguinte, nenhum consumo. Teríamos, então, uma superprodução: 100 milhões de reais em mercadorias lançadas no mercado, mas a capacidade de consumo gerada será de apenas 80 milhões. Mas esse é apenas um pedaço do problema.

A teoria do equilíbrio dos mercados leva em conta apenas as pessoas que, em um dado momento, estão empregadas e, assim, produzindo e consumindo. Mesmo em uma situação de equilíbrio, tais teorias nada dizem sobre uma massa de dezenas de milhões de trabalhadores que estão fora do mercado, fora da equação de produção e consumo. Esta massa



de desempregados, por sua vez, seguindo a lei da oferta e da procura, pressionará para baixo todos os salários dos trabalhadores ativos, reduzindo sua capacidade de consumo. Cada situação de equilíbrio produz novamente desequilíbrios.

Observem que mercadorias que não encontram compradores podem deixar de ser produzidas. Mas trabalhadores que não conseguem vender sua força de trabalho não podem ser simplesmente elimi-

nados. Ou melhor, seguindo as premissas liberais, talvez possam. Da mesma forma que seguindo as leis eternas do mercado deixa-se de produzir essa ou aquela mercadoria que não é vendida, o melhor talvez seja eliminar esses trabalhadores excedentes. No mais das vezes, trabalhadores negros, migrantes, mulheres etc.. Renascem ao lado e sobre a base das teorias supostamente imparciais e impossibly do liberalismo ideologias racistas, xenófobas e machistas.

Os capitalistas, no entanto, possuem outras cartas na manga. Para resolver os desequilíbrios da teoria do equilíbrio do mercado, surgirão outras teorias. Principalmente aquelas keynesianas que acreditam ser possível resolver o problema mediante a intervenção estatal. Terão elas melhor sorte? É o que veremos no próximo artigo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3GTGNCO](https://bit.ly/3GTGNCO)

É PRECISO REAGIR

No Brasil, xenofobia e racismo andam de mãos dadas



ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)

“A gente não rouba, a gente não mata. Como vão matar um irmão trabalhando? Justiça!”, gritava, emocionado, o primo de Moïse Kabagambe, refugiado congolês brutalmente assassinato no dia 24 de janeiro último no Quiosque Tropicália, na orla da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Ele foi espancado até a morte por cinco homens, com murros, pontapés, golpes de madeira e taco de beisebol, após cobrar uma dívida trabalhista.

Moïse era negro, trabalhava como garçom, tinha apenas 24 anos e estava com sua família no Brasil desde 2014, na quali-



Manifestação na Av. Paulista contra o assassinato de Moïse.

dade de refugiado político vindo da República Democrática do Congo (RDC). Seu assassinato escancara o racismo, a xenofobia e o desprezo à vida do trabalhador que assolam o Bra-

sil, um país governado por um presidente que dá carta branca aos racistas e à extrema-direita.

Nos últimos anos, a xenofobia – preconceito ou ódio a pessoas estrangeiras, refugia-

das e imigrantes – vem crescendo em nosso país, e ela é mais forte quando se trata de pessoas não brancas: negros, árabes e asiáticos.

OUTROS CASOS DE XENOFOBIA

Em julho do ano passado, o haitiano Djimy Cosmeus, 28 anos, foi agredido por três seguranças privados dentro da fábrica da Brasil Foods (BRF), na cidade de Chapecó (SC). Ele sofreu lesões, foi humilhado e constrangido em frente aos outros trabalhadores.

Em Cuiabá, capital de Mato Grosso, em abril do ano passado, um vídeo ganhou notoriedade na internet. Ao subir em um ônibus e ver dois haitianos, um homem começou os ataques

xenófobos e racistas: “Desgracado, haitiano filho da puta. Olha outro aí também haitiano irmão. Por isso, Hitler está certo”, disse numa alusão ao ditador alemão Adolf Hitler e o abominável extermínio nazista perpetrado por ele.

“No Brasil, com uma população de maioria negra, a xenofobia e o racismo andam juntos. O que fizeram com Moïse foi cruel. O povo brasileiro não pode banalizar essas ações de pessoas que enxergam a vida do negro sem valor. Isso tem levado a nossa comunidade a pensar muito, a nos preocupar. Mas é preciso irmos à luta, caso contrário, eles seguirão nos matando”, disse Fedo Bacourt, coordenador da União Social dos Imigrantes Haitianos (Usih).

DIVIDIR PARA REINAR

Ideologias a serviço da burguesia

A xenofobia e o racismo são ideologias usadas pela burguesia para dividir os trabalhadores, levar um setor a oprimir outro, jogar um setor da classe contra o outro, impedindo que a classe se une contra as opressões e a exploração, e enxergue o capitalismo como o principal inimigo.

Essas ideologias difundidas pela burguesia capitalista impõem a crença de que a

vida dos imigrantes e refugiados vale menos. Por isso, são superexplorados, em regimes de trabalhos análogos à escravidão. São vistos como cidadãos de segunda classe, que podem ser mortos a pauladas, como ocorreu com Moïse, ou ser assassinados com tiros por uma dívida de R\$ 100,00 de aluguel, como aconteceu no último dia 3 em Mauá (SP) com o ve-

nezuelano Marcelo Antonio Larez Gonzalez, de 21 anos.

“Temos que entender que o racismo, o machismo, a LGBTfobia e a xenofobia são reflexos de uma ideologia implementada pelo sistema capitalista de dominação e exploração”, pontua Elias Alfredo, militante do PSTU e ativista do Movimento Nacional Quilombo Raça e Classe no Rio de Janeiro.

“Não há uma perspectiva de mudança no marco do capitalismo e de suas instituições, mas através de nossa organização e mobilização dos de baixo contra os de cima. Precisamos tomar em nossas mãos a tarefa da construção de uma revolução, que vai destruir esse sistema opressor e explorador e construir uma sociedade socialista”, completa.



Marcelo Antonio Larez Gonzalez, venezuelano assassinado por atrasar um aluguel

NOSSO INIMIGO É A BURGUESIA

Os imigrantes não são nossos inimigos



Djimy Cosmeus, haitiano agredido numa fábrica em Chapecó

De acordo com dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), entre 2011 e 2020, um total de 58.835 cidadãos estrangeiros tiveram reconhecida sua situação de refugiados no Brasil, de 77 diferentes nacionalidades. Contudo, os não brancos são os que mais sofrem com a ausência de políticas públicas e com a falta de emprego, de documentos e de assistência médica.

Vivemos uma naturalização da violência contra pessoas negras em nosso país, incentivada por Bolsonaro, um racista nojento, e o seu canalha capitão do mato Sérgio Camargo, presidente da Fundação Palmares, que foi às redes sociais desferir ataques caluniosos a Moïse, um refugiado africano vítima do capitalismo e do racismo e que foi morto por gente do naipe de Sérgio Camargo.

“Eles pegaram uma linha (uma corda), colocaram o meu filho no chão, o puxaram com uma corda. Por quê? Por que ele era pretinho? Negro? Eles mataram o meu filho porque ele era negro, porque era africano”, disse Ivana Lay, mãe de Moïse, ao jornal O Globo.

“Não podemos aceitar que Bolsonaro e a burguesia nos lance contra nossos irmãos trabalhado-

res de outras nacionalidades. Nossos inimigos são os burgueses, e não os imigrantes e refugiados. O PSTU defende o livre trânsito internacional dos trabalhadores, com direito à documentação, trabalho e assistência médica para todos os imigrantes e refugiados. Nenhum ser humano é ilegal!

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3UTZFYI](https://bit.ly/3UTZFYI)

DECLARAÇÃO DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES

Sobre o conflito EUA (Otan), Rússia e Ucrânia

Mais uma vez a Ucrânia está no centro de um conflito internacional que pode abrir um conflito militar de grandes proporções para o proletariado do Leste europeu e de toda a Europa. Mais uma vez, a soberania ucraniana é manipulada em função dos interesses de dois bandos contrarrevolucionários: a Rússia de Putin e o imperialismo norte-americano, sua Otan [Organização do Tratado do Atlântico Norte] e seus sócios europeus.

Pouco tempo atrás, quando as tropas de Putin entravam no Cazaquistão para sufocar em sangue a rebelião do povo cazaque, eram aplaudidas pelos EUA e União Europeia (UE), revelando o grande acordo entre Putin e eles, quando se trata de impedir a soberania de um povo contra os interesses do capitalismo russo e mundial.

capitalismo Russo e mundial.

Defendemos uma Ucrânia unificada e livre da opressão russa, a devolução da Crimeia e a retirada das tropas russas da fronteira oriental e das organizações paramilitares russas e ucranianas no Donbas [região no sudeste da Ucrânia ocupada



por separatistas apoiados pela Rússia]. A reativação do conflito não tem, por parte do imperialismo, nenhum interesse em defender a soberania ucraniana, ao contrário: é uma operação para transformar o país em uma base militar da Otan nas fronteiras da Rússia, quer dizer, em uma colônia militar.

A luta pela soberania ucraniana está firmemente vinculada à luta de classes mundial e à crise na ordem mundial imperialista. A guerra que se está incubando não interessa aos trabalhadores ucranianos e russos, nem aos trabalhadores europeus, norte-americanos e de todo o mundo.

**FORA AS TROPAS DE
PUTIN E DA OTAN!**

Putin concentra tropas nas fronteiras ucranianas para evitar a adesão do governo de Kiev à Otan. A debilidade da Rússia capitalista para controlar as ex-repúblicas soviéticas leva Putin a despertar o secular nacionalismo gran-russo, dos czares e do stalinismo, agora contra a Ucrânia.

Mas a Ucrânia, como explica Trotsky, foi na época de Lenin um exemplo da política bolchevique: unir livremente as diversas nacionalidades em uma federação com objetivos comuns, pelo convencimento e não pela imposição, gerando uma força de atração entre as nacionalidades é um “estímulo à luta dos operários, dos camponeses e da intelectualidade revolucionária da Ucrânia Ocidental escravizada pela Polônia”.

Em 2014 as massas ucra-
nianas se levantaram contra

Viktor Yanukovich [ex-presidente da Ucrânia que foi derrotado pelas massas naquele ano e promoveu o massacre dos manifestantes que ocupavam a praça Maidan], que aplicava um ajuste estrutural exigido pelo FMI e a União Europeia, ao mesmo tempo que estava subordinado politicamente a Putin e era contrário à entrada na Otan.

Mas o povo ucraniano sofreu a ausência de uma direção proletária capaz de liderar a luta em um sentido socialista e combater as ilusões “europeístas” espalhadas pelos partidos burgueses comprometidos com a semicolonização do país.

Assim, a camarilha burguesa, pró-Kremlin, de Yanukovich, foi relevada pela camarilha pró-imperialista de Yatseniuk [ex-primeiro-ministro da Ucrânia de 27 de fevereiro de 2014 a 14 de abril de 2016], que em 2014 desfera um brutal ataque aos trabalhadores. Ao mesmo tempo que aumentava em 50% o preço do gás e arrochava os salários de todo o proletariado ucraniano, utilizando-se do ódio ao nacionalismo gran-russo como uma arma para dividir a classe operária, proibiu o idioma russo na região do Donbas.

Essas medidas foram respondidas pela classe operária mais concentrada do país com um poderoso movimento grevista com ocupação de minas e fábricas, na região de Donetsk [cidade industrial no leste da Ucrânia] e Lugansk [cidade no leste da Ucrânia, perto da fronteira com a Rússia na disputada região de Donbas]. Mas, desgraçadamente, essa grande luta foi capitalizada e desmontada pelas organizações separatistas pró-russas, impedindo a unificação dos trabalhadores e do povo ucraniano contra a política do imperialismo e seu governo fantoche.

O reacionário acordo de Minsk [assinado em 2015 por representantes da Ucrânia, da Rússia, e das repúblicas separatistas de Donetsk e Lugansk para pôr fim à guerra no leste da Ucrânia], que deteve a escalada militar, mantinha o status quo, a incorporação da Crimeia [península ao longo da costa norte do Mar Negro] por Putin e a autonomia regional no Donbas, assim, nascia morto. Na medida em que o antagonismo que acirra a crise na ordem imperialista mundial recolocaria a questão ucraniana, agora como semicolônia armada pela Otan, perante as dificuldades de Pu-



Rússia faz exercícios militares na fronteira com a Ucrânia.

tin para retomar o movimento separatista no leste da Ucrânia.

O capitalismo russo, dependente do capital financeiro europeu e fornecedor de gás e petróleo à indústria alemã, é incapaz de oferecer negócios lucrativos à débil burguesia das ex-repúblicas soviéticas. Somente pode manter sua influência regional com ditaduras submissas ao Kremlin e sob ameaça militar.

Suas agressões, seja na Ucrânia, Cazaquistão, Síria, Belarus, não são, como pintam os partidos pós-stalinistas e castristas, parte de um suposto bloco “anti-imperialista”. São ações contrarrevolucionárias de um país dependente e, ao mesmo tempo, potência militar herdada da ex-URSS, para aplastar o movimento de massas em apoio às oligarquias submissas.

Em 2021, explodem mobilizações em mais de uma centena de cidades russas contra o governo, depois do envenenamento do oposicionista Alexei Navalny, duramente reprimidas, com mais de 10 mil prisões. Em um país no qual crescem as mortes pela Covid e o mal-estar social, a agitação pré-bélica de Putin apela ao nacionalismo gran-russo, calando toda a oposição interna.

Putin perde a capacidade de expressar suas exigências contra a incorporação da Ucrânia à Otan, apresentando-as como parte de uma guerra civil entre ucranianos. Então aproxima as tropas da fronteira leste numa posição de enfrentamento com todo o imperialismo, ameaçando com uma guerra que se prolongaria, com milhares de mortos dos dois lados do conflito.

Neste quadro se insere a po-

lítica do imperialismo norte-americano e seu braço armado na Europa – a Otan –, que não tem outro objetivo senão converter todo um país em uma base militar, a serviço de seus interesses: aprofundar a pressão militar sobre a Rússia, ao mesmo tempo que ganha tempo para resolver sua profunda crise política interna e se aproveita da divisão europeia para disciplinar a Alemanha.

EUA E UE

As contradições do campo imperialista

As declarações da Alemanha e da França e também da Itália se contrapõem ao tom belicista de Biden e da Otan, mesmo estando sob a disciplina dos militares norte-americanos. Os principais imperialismos europeus, relegados à condição de espectadores nas negociações pelos EUA, têm seus interesses próprios ameaçados pelos EUA, que utilizam o conflito para discipliná-los, em especial ao imperialismo alemão.

A Rússia exporta 35% do gás utilizado pela Europa;

além da rede Nord Stream1, agora está construída outra rede, a Nord Stream2 [sistema de dutos de gás natural na Europa, que abastece diretamente a Alemanha, não passando pela Ucrânia], que levaria o gás russo sem passar pela Ucrânia. Os EUA sempre se opuseram. Mas, para superar a deteriorada relação com a Alemanha da era Trump, o acordo Biden-Merkel, no início de 2021, renunciava às sanções norte-americanas às empresas que constroem o Nord Stream 2.

Mas em novembro do ano

passado, os Estados Unidos retomaram as sanções, paralisando novamente o gasoduto, com respaldo expresso do Ministro de Relações Exteriores ucraniano.

Ao concentrar seus esforços na contenção chinesa, como já amplamente declarado por Biden, os Estados Unidos exigem total disciplina do imperialismo alemão mesmo às custas de suas relações com a Rússia. No mesmo sentido, as relações de ambos os países com a China atentam contra a prioridade norte-americana.



RÚSSIA X UCRÂNIA

Uma guerra que não interessa aos trabalhadores



Manifestantes da Praça da Independência em Kiev enfrentam repressão policial em 2014.

Se os termos da equação bélica não sofrerem grandes modificações, Putin não vai querer uma guerra em grande escala com a Ucrânia. Prefere manter a situação atual, de uma guerra congelada,

da, em seu jogo de pressões contra a Ucrânia, que a impõe de ingressar na Otan. Tem consciência que uma guerra seria imprevisível.

Zelenski, atual presidente ucraniano, amarga uma cri-

se econômica e queda em sua popularidade, utiliza a fragilidade russa e a reorganização de suas forças armadas pelos EUA, tensionando a situação, para vender mais caro a Ucrânia.

Os EUA também não desejam uma guerra de grande escala no continente europeu, apostam na tensão e em forçar um recuo de Putin, apresentando uma vitória contra Putin e Trump, que segue nos seus calcanhares, e de passagem, disciplinar a Alemanha.

O que distingue a situação atual de 2014 é que não estamos ante um levante ou insurreição de massas na Ucrânia contra a opressão russa. E a ofensiva russa no leste (Donbas) também não tem como

estratégia recuperar o terreno perdido a Kiev.

Essa possível guerra não interessa aos trabalhadores ucranianos e russos, nem aos trabalhadores europeus, norte-americanos e do mundo.

Reafirmamos que a Rússia não tem nenhum direito sobre a Ucrânia. Para defender-se das tropas da Otan em suas fronteiras, deveria apelar a uma grande mobilização dos povos ucranianos, europeus, norte-americanos... e russos, contra o avanço das

tropas da Otan, mas seus oligarcas, apoiados em um estado autoritário, temem mais as massas em movimento do que o imperialismo.

– Defendemos o fim da Otan. Fora suas tropas e as bases ame-

ricanas nos países da Europa ocidental e no leste europeu.

– Pelo fim da aliança militar CSTO (Organização do Tratado de Segurança Coletiva) da Rússia com as ex-repúblicas soviéticas, utilizada para o envio de tropas, como no leste do Cazaquistão.

– Por uma Ucrânia unificada e livre da opressão russa, da União Europeia, dos EUA e da Otan.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/30SEU94](https://bit.ly/30SEU94)

LEIA TAMBÉM:



León Trotsky.
A questão ucraniana

ANTROPOFAGIA E MODERNISMO

100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922



DA REDAÇÃO

A Semana de Arte Moderna de 1922, evento que revolucionou a arte e a cultura no Brasil, completa 100 anos. Realizada com o objetivo de chocar a burguesia e sacudir a intelectualidade, a Semana foi uma tentativa de tirar a arte brasileira de sua condição de cópia acrítica de tendências culturais vindas do exterior.

As artes modernistas têm como pano de fundo a profunda transformação do Brasil, particularmente de São Paulo. Grandes invenções, desenvolvimento científico e tecnológico, lutas sociais, Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa formavam o cenário que permitiu historicamente o surgimento do Modernismo e suas renovações nas artes. No Brasil, o quadro social era pintado pelas primeiras greves operárias, pelo movimento Tenentista e a fundação do Partido Comunista. Já São Paulo, quando a maioria dos modernistas nasceu nas

duas últimas décadas do século 19, não tinha sequer 60 mil habitantes. Mas, em 1920, saltou para 570 mil e, 20 anos depois, no auge do Modernismo, chegou a cerca de 1,3 milhão.

Um dos muitos destaques do Modernismo foi a criação, poucos meses depois da "Semana de 1922", de um dos coletivos mais importantes da história da arte brasileira, o "Grupo dos Cinco", formado por Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Mário de Andrade, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral.

Os modernistas, entretanto, não negavam a necessidade de se dialogar com a produção estrangeira. Todos os seus principais expoentes, como Oswald de Andrade, Tarsila ou o maestro Heitor Villa-Lobos, não só viajaram por boa parte da Europa e do Oriente, como também defendiam que as inovações do Cubismo, do Expressionismo, do Surrealismo e do Futurismo e de toda a arte de vanguarda eram mais do que bem-vindas. O que deveria ser modificado era a postura

dos artistas brasileiros diante dessa produção.

Foi com esse objetivo que escritores, músicos, artistas e poetas modernistas tomaram de assalto o Teatro Municipal de São Paulo, uma espécie de templo da arte elitizada, e provocaram um escândalo, recebido por saraivadas de vaias e ofensas, que até hoje repercute na arte brasileira.

ARTE E POLÍTICA

Em 1924, Oswald e Tarsila do Amaral fundaram o Movimento Pau-Brasil, cujos objetivos foram expressos num manifesto que defendia libertar a poesia das influências nefastas das velhas civilizações em decadência. Algo que, para Oswald, poderia ser feito caso os poetas se voltassem para a realidade: a poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da Favela sob o azul cabralino são fatos estéticos.

Essa mescla de arte, revolução e realidade, igualmente presente no "Manifesto Antropófago" (1928), fez com que Oswald se



aproximasse da militância política. No início da década de 1930, ingressou no Partido Comunista (do qual se afastou em 1945) e se engajou nas lutas do movimento operário e antifascista, publicando, inclusive, "O Homem do Povo", um jornal voltado para temas como revolução, arte e cultura.

Boa parte dessa militância foi feita ao lado de Patrícia Galvão, a Pagu, com quem estava casado e

que foi responsável pela aproximação de Oswald das posições trotskistas, primeiro através de Mário Pedrosa, que dirigia a Liga Comunista e publicava o jornal "Vanguarda Socialista" (para o qual Pagu também escrevia), depois através da filiação à Federação Internacional da Arte Revolucionária Independente, fundada por Leon Trotsky e o surrealista André Breton.

TUPI OR NOT TUPI

O banquete antropofágico



Sempre que falamos dos modernistas brasileiros, é necessário resgatar o conceito de Antropofagia, que norteou as propostas e o trabalho do movimento, e confunde-se com o famoso "Abaporu" de

Tarsila do Amaral. O nome (dado pelo também modernista Raul Bopp), significa, em tupi-guarani, "homem que come carne humana" e serviu como inspiração para o Manifesto Antropófago (1928), no qual Oswald sintetizou as ideias modernistas e propôs que o único caminho para a construção de uma arte tipicamente brasileira seria a "canibalização" das estéticas e da cultura dominante.

No manifesto Oswald declarava: "Só a antropofagia une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. (...) Tupi or not Tupi, that is the question." O que se seguia, en-

tão, era uma espinafração de tudo o que pudesse ser identificado com o conservadorismo ou o apego às tradições, a começar pela Igreja e seus ícones, como Padre Vieira e José de Anchieta.

A proposta era simples. Assim como os indígenas praticavam o canibalismo de forma ritual, para absorver o poder dos inimigos, os artistas e intelectuais deveriam canibalizar a influência estrangeira (inegavelmente mais forte) e, no processo de digestão, agregar a identidade e a cultura brasileiras, criando uma arte, ao mesmo tempo, nacional e universal.

É mais ou menos isso que Oswald faz com a célebre frase de Shakespeare ("ser ou não ser, eis a questão"). O tupi engole a clássica frase de Hamlet e subverte o inglês, deixando no ar uma irônica questão sobre as raízes e a identidade de nosso povo.

O ímpeto e a essência da antropofagia foram resgatados em alguns momentos e movimentos culturais do Brasil. Primeiro pelo Tropicalismo, no final da década de 1960, quando, espremidos entre a ditadura e uma produção cultural mediocre, americanizada e consumista, jovens sacudiram o cenário cultural canibalizando tudo isso e colocando para fora

uma explosão criativa. No teatro, com o grupo Oficina, na música, com os Novos Baianos e os Mutantes, e na poesia, com gente como Torquato Neto.

Hoje pode-se dizer que o banquete antropofágico continua sendo celebrado em manifestações como o rap da periferia, que absorve o estilo norte-americano e o transforma com o gingado nacional, ou o mangue beat, que sabe devorar influências das mais diversas, digerindo-as com os ritmos nordestinos e a beleza simples da literatura de cordel.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/330G6JT](https://bit.ly/330G6JT)

mural

MÉXICO

Trabalhadores da GM em Silao conquistam novo sindicato independente

Os trabalhadores da General Motors em Silao, no México, elegeram um sindicato de luta para representá-los. O Sindicato Nacional Independente dos Trabalhadores da Indústria Automotiva (Sinttia) venceu a eleição ocorrida dias 1 e 2, com 76% dos votos. O grupo tem o apoio da CSP-Conlutas.

A eleição do Sinttia representa a vitória de um sindicalismo combativo, em defesa dos direitos dos trabalhadores. Até agora, os funcionários da GM em Silao eram representados pela Confederação dos Trabalhadores do México (CTM), vinculado a entidades patronais e ao fa-

moso PRI (Partido Revolucionário Institucional), que dirigiu o país por mais de 70 anos. Dos quatro sindicatos disputaram a representação, apenas o Sinttia era o único de fato independente.

DELEGAÇÃO DA CSP-CONLUTAS

Dirigentes sindicais de diversas partes do mundo, como Estados Unidos, Canadá e Brasil, chegaram a Guanajuato, no México, para apoiar as eleições do novo sindicato da GM. A CSP-Conlutas enviou observadores a Silao, mas foram impedidos pelo governo mexicano de entrar na GM para acompanhar a eleição.

Luiz Carlos Prates, o Mancha, militante do PSTU e dirigente da CSP-Conlutas, integrou a delegação brasileira, conta que a eleição havia sido anulada anteriormente, em razão de denúncias de fraude por parte da GM. O primeiro pleito, ocorrido no ano passado, foi anulado pelo Ministério do Trabalho mexicano, com vigilância da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

A CSP-Conlutas defende o direito dos trabalhadores da GM terem um sindicato combativo que respeite a vontade da categoria. Na montadora de Silao, os funcionários têm salários baixos e jornada su-



Delegação da CSP-Conlutas no México

periores a 12h por dia.

“Esse processo é muito importante e pode se espalhar por outras empresas. Os sindicatos Independentes ain-

da são minoria no México. A partir da rebelião da GM Silao, uma mudança significativa poderá se ampliar pelo país”, conclui Mancha.

DINHEIRO PÚBLICO

BNDES financia desmatadores da Amazônia



Delegação da CSP-Conlutas no México

Fazendeiros que foram flagrados pelo Ibama desmatando a Amazônia conseguiram empréstimos com dinheiro público a juros subsidiados para comprar tratores e outras máquinas agrícolas, apesar de seu histórico de reiteradas infrações ambientais. A revelação foi feita pelo Portal Repórter Brasil. Os empréstimos foram concedidos pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

e operados pelo banco John Deere, que é o braço financeiro da fabricante de máquinas que o controla e que vendeu os equipamentos.

Ao todo, BNDES e John Deere financiaram R\$ 28,6 milhões em maquinário para cinco produtores com embargos em seu nome emitidos pelo Ibama por desmatamento. Uma resolução do Banco Central do Brasil proíbe crédito rural para quem

teve a fazenda embargada, mas não impõe restrições para que os donos dessas áreas obtenham empréstimos para outras fazendas. Mas a reportagem mostrou casos em que há empréstimos destinados a locais onde fazendeiros tem área embargada. Ao todo, 11 fazendeiros que compraram máquinas John Deere acumulam um total de R\$ 31,4 milhões em multas ambientais nunca pagas.

MAIS RICOS

Bolso de banqueiro fica mais gordo na pandemia

Os três maiores bancos privados do Brasil registraram R\$ 69,4 bilhões de lucro em 2021, em meio à pandemia. Trata-se de um aumento de 30% em relação ao ano anterior. Já o Banco do Brasil (BB) anunciou nesta terça-feira (14) que obteve lucro líquido ajustado de R\$ 21,021 bilhões no ano passado, alta de 51% na comparação com 2020. Desse modo, somados aos R\$ 67 bilhões de 2020, quatro dos maiores bancos do

país (Itaú, Bradesco, Santander e BB) acumulam em dois anos de pandemia R\$ 157,4 bilhões.

As receitas cresceram em função da elevação dos juros e das tarifas bancárias. Mas o lucro dos bancos também foi graças ao aumento da exploração dos trabalhadores do setor. O BB, por exemplo, fechou 7.076 postos de trabalho em 2021, seguindo a trajetória de redução de empregos verificada nos últimos anos. O

Bradesco, do mesmo modo, extinguiu 2.301 vagas, no período, apesar dos R\$ 26 bi de lucro.

No Itaú Unibanco, os funcionários reclamam da sobrecarga de trabalho, apesar da alta de 45% nos lucros, que totalizaram R\$ 26,8 bi. No Santander, que engordou seus ganhos em R\$ 16,3 bilhões, as despesas com pessoal caíram 1,7% no mesmo período, apesar de o banco ter anunciado aumento de vagas.

